

Parte II - Segurança, polícia e sociedade

Violência e segurança pública

Ivone Freire Costa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, IF. Violência e segurança pública. In: *Polícia e sociedade: gestão de segurança pública violência e controle social* [online]. Salvador: EDUFBA, 2005, pp. 121-140. ISBN 978-85-232-1219-3. Available from SciELO Books
<<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Violência e Segurança Pública

*[...] Tranco a porta e saio pouco;
[...] ponho grades e mantenho barra de
ferro atrás da porta; [...] fico de olho bem
aberto para as pessoas que circulam aqui
na rua.*

(depoimento de moradores do Bairro da
Liberdade - Salvador)

A violência, a insegurança e o medo envolvem a todos indistintamente na sociedade. Todavia, por múltiplas razões, as camadas populares encontram-se mais expostas a estes fenômenos e, de forma correlacionada, também se encontram na mesma situação os policiais que atuam na linha de frente, ou seja, aqueles que integram o contingente operacional da Polícia, na categoria Praça, constituída de sargentos e soldados.

Apresentaremos, em primeiro lugar, aspectos do quadro da violência sofrida pelas camadas populares e pela Polícia, segundo a tipologia de crimes constantes do código penal, adotado pelos Centros de Estatísticas Policial e Criminal dos organismos governamentais. Entendeu-se que esta caracterização permitiria demonstrar, mais uma vez e a partir dos depoimentos dos entrevistados, as suas condições concretas de vida quando confrontados com este tipo de fenômenos.

Nos termos apresentados discutem-se os fatores que, do ponto de vista dos chefes de Família e da Polícia, compõem o quadro da insegurança social em que vivem. Nessa reflexão avalia-se o desempenho da Polícia inserida neste quadro e a visão desta em relação à problemática da sua atuação na sociedade.

Com esta metodologia, constatamos uma elevada taxa de insegurança social, traduzida por mais de 84% do universo dos chefes de família entrevistados.¹ Suas declarações reafirmaram as precárias condições de vida dos extratos menos favorecidos economicamente no país. Do universo considerado, apenas 15,60% dos chefes de família declararam sentir-se seguros, segurança que decorre da sua capacidade individual de relacionamento com os policiais, com os marginais e os com traficantes do bairro. Tudo isto, conforme se

tentará explorar mais adiante, no item peculiar aconteceria dentro dos padrões e das normas dos valores do mundo da ilegalidade, quer dizer, no contexto de uma cultura da violência.

A Insegurança nos Bairros Populares de Salvador

Para as camadas populares, a violência se expressa, sobretudo, no medo de sofrer algo via terceiros. As precárias condições de moradia são, freqüentemente, mencionadas como: a falta de infra-estruturas urbanas básicas, a existência de barulho e, ainda, a falta de espaço para lazer dos filhos adolescentes, aspectos estes que constituem uma das principais características do cotidiano dos bairros populares.

Violência Sofrida pelas Camadas Populares

Mais de 51% dos chefes de família entrevistados declararam que já tinham sofrido algum tipo de violência, como agressão pessoal ou contra o próprio patrimônio, além de outras formas recorrentes de comportamentos agressivos.

Os quadros que se seguem refletem o contexto da insegurança social, confirmando mais uma vez, a generalização deste fenômeno na sociedade brasileira e as problemáticas que impõem à gestão da segurança pública e à Polícia.

Tabela 25 - Violência Sofrida no Bairro Contra o Patrimônio.
(Chefes de Família)

Violência contra o Patrimônio	Nº Citações	Freqüência
Roubo	27	81,8%
Furto de Veículo	4	12,1%
Outros	2	6,1%
Base	33	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo

No que se refere à violência sofrida pelos chefes de família entrevistados (tabela 25), particularmente no que respeita ao seu patrimônio, constatamos que, para cerca de 81,8%, o roubo foi a modalidade mais referida, ficando muito abaixo as referências a furtos de veículos. Nos roubos referidos, queremos salientar fatos citados como arrombamen-

tos de lojas e assaltos à mão armada que são freqüentes na vida cotidiana do bairro. Note-se, também, que apenas 33 chefes de família acederam a responder a esta questão, pelo que as conclusões sobre este tipo de violência sobre o patrimônio não podem ser generalizadas.

Os assaltos às mercadorias sempre acontecem com agressão física, como nos casos de furtos de relógios, peças de carros, roupas em varal e outros objetos do ambiente interno das moradias. Estes acontecimentos constituem o cotidiano de vida familiar nas áreas populares. Além disso, podem ser mencionados os roubos que ocorrem nas áreas externas das casas como quando são levados móveis e cadeiras, de entre outros pertences encontrados. Constata-se, portanto, que a insegurança em que vivem é concreta, envolvendo agressões através de assaltos com arma de fogo, ou não, seja durante o dia ou à noite. Existem lojas que registram até três assaltos por mês, à mão armada, com ameaça de morte.

A violência contra a pessoa, sofrida pelas camadas populares, se caracteriza por assaltos à mão armada, discussões com vizinhos, agressões físicas associadas a roubo de pertences pessoais.

São, também, freqüentes agressões físicas cometidas em assaltos, nos ônibus, com tiroteios, no uso de armas por policiais, para intimidar, em roubos na porta de banco, assaltos na rua e em agressões cometidas pelo próprio companheiro, entre outras situações.

O quadro seguinte (tabela 26) apresenta a freqüência dos depoimentos relativos à violência pessoal, sofrida pelos chefes de família, os quais reiteram a situação de insegurança em que vivem estes extratos sociais menos favorecidos economicamente na sociedade.

Tabela 26- Violência Sofrida no Bairro Contra Pessoa
(Chefes de Família)

Violência contra Pessoa	Nº Cit. *	Frequência
Homicídio	3	11,2%
Lesão Corporal	7	25,9%
Roubo no Ônibus	4	14,8%
Roubo no banco do bairro	2	7,4%
Briga de vizinhos	4	14,8%
Outros	7	25,9%
Base	27	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo.

(*) O número de citações é superior ao número de observações devido às respostas múltiplas (6 no máximo).

Poder-se-ia dizer que estes fatos refletem a fragilidade em que se encontram os laços de vizinhança e de amizade que tão bem caracterizam as relações comunitárias tradicionais. Sendo de fato verdade, eles revelam e reiteram os referenciais concretos para a análise do nível de insegurança em que vivem as camadas populares, aquelas que mais sofrem com os problemas da violência nos centros urbanos do país.

Tabela 27 - Violência Sexual Sofrida no Bairro
(Chefes de Família)

Violência Sexual	Nº. Cit	Frequência
Estupro	2	100,0%
Outros	0	0,0%
Base	2	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo

Quando questionados sobre a violência sexual, os chefes de família preferiram não entrar em detalhes, o que se compreende. Um deles, contudo, fez menção ao que ocorrera com a primogênita, embora não fizesse de forma detalhada.

Em relação à violência sofrida no trânsito, os atropelamentos apresentaram a maior frequência, conforme poderá ser visto na tabela 28. Alguns dos depoimentos sobre esse tipo de violência sofrida pelos chefes de família foram expressos da seguinte forma:

[...] meu irmão morreu atropelado ao tentar atravessar a rua. Ele estava vindo para casa, pela calçada, quando um táxi, em velocidade, o pegou. Ele bateu a cabeça no poste, causando traumatismo craniano;

[...] Aqui as ruas são estreitas e os carros estacionam no passeio. Desse modo, somos obrigados a andar pelas ruas;

[...] Meu irmão, de apenas 27 anos, solteiro, cheio de planos, sofreu atropelamento e teve lesão corporal .

Tabela 28 - Violência Sofrida no Trânsito.
(Chefes de Família)

Violência no Trânsito	Nº Cit.	Frequência
Atropelamento	6	100,0%
Outros	0	0,0%
Base	6	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo

Estes depoimentos refletem, de alguma forma, a ausência de ações governamentais concretas, relativas ao trânsito e de uma infra estrutura nas áreas populares. Tal ausência se reflete também nas demais áreas de vida cotidiana dos extratos menos favorecidos economicamente, o que, de forma enfatizada é referida pelos inquiridos. Como se observa confronta-se nesse espaço social aqueles tipos de violência recortados por Mafesolli, a monopolizada, a anômica e a banal articulando entre si com a cumplicidade daqueles cujos interesses servem, no sentido de salvaguardar a já precária condição humana, ultra conseqüente do campo social e do esgarçamento do propósito das instituições à serviço público.

Violência Sofrida pela Polícia

Em relação à violência contra a pessoa do policial, verificou-se que a lesão corporal e o homicídio constituem os fatos mais frequentes. O homicídio e, sobretudo, a lesão corporal caracterizam as ações mais sofridas pela Polícia. Estas agressões estão positivamente correlacionadas com o próprio contexto de insegurança social em que muitos deles vivem e trabalham. De entre múltiplas agressões referidas salientam-se as agressões diretas e/ou assaltos aos membros da família, ameaças de vizinho com arma de fogo, furtos, assaltos pessoais dentro de coletivo, morte de familiares na troca de tiros entre a Polícia, assaltantes e traficantes. Aliás, estes são alguns exemplos de ocorrências cotidianas por eles relatados.

Tabela 29 - Violência Sofrida pela Polícia na própria Pessoa (Polícia)

Violência contra a Pessoa	Nº Citações *	Frequência
Homicídio	3	15,8%
Lesão Corporal	9	47,4%
Roubo no Ônibus	2	10,5%
Roubo no Banco do Bairro	1	5,3%
Briga de Vizinhos	2	10,5%
Outros	2	10,5%
Base	19	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo.

(*) O número de citações é superior ao número de observações devido às respostas múltiplas (6 no máximo)

No que se refere à violência registrada contra o patrimônio dos policiais entrevistados, podemos ver que 50% das mesmas são representadas por roubo ou assalto à residência e o roubo de veículos (tabela 31).

Tabela 31 –Violência Sofrida pela Polícia Contra o Patrimônio

Violência contra o Patrimônio	Nº Cit. *	Frequência
Roubo	4	50,0%
Furto de Veículo	4	50,0%
Outros	0	0,0%
Base	8	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo.

(*) O número de citações é superior ao número de observações devido às respostas múltiplas (3 no máximo).

Estas referências relativas à violência contra o patrimônio da Polícia respeitam, não apenas a roubos de veículos, mas também, freqüentemente roubo de documentos e assaltos à própria polícia, conforme se depreende de alguns dos depoimentos feitos pela Polícia:

[...] encontrava-me na fila de uma loja quando, no caixa, um menor tomou o dinheiro e saiu correndo;

[...] o meu Carro foi roubado na rua;

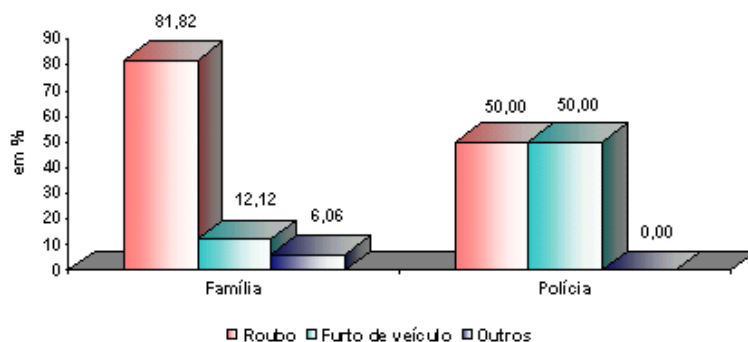
[...] meu irmão foi assaltado em frente à faculdade e meu pai também teve o carro furtado embora recuperado depois pela Polícia;

[...] três elementos invadiram a casa e amarraram a minha sogra, minha esposa e os pedreiros que trabalhavam no momento. Levaram o carro e alguns objetos .

Sublinhe-se que, mais adiante, faremos a comparação entre a violência sofrida pelas famílias e referida pela Polícia. Essa comparação de dados referentes ao patrimônio e aos tipos de violência mencionados anteriormente, pretende ilustrar e reafirmar a vulnerabilidade a que estão sujeitos, tanto a Polícia, como as camadas populares, vulnerabilidade bem demonstrativa das condições de vida e de trabalho de ambos e das práticas generalizadas de violência no Brasil. (ver figuras 12 e 13).

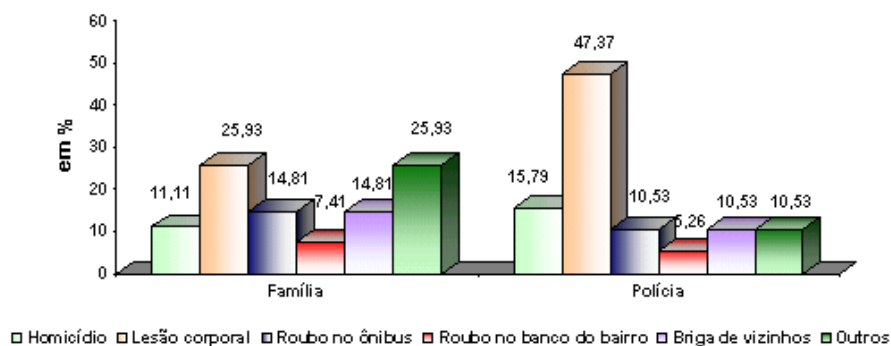
Dir-se-ia que tais condições objetivas de vida e de trabalho da Polícia, conforme será tratado de forma mais detalhada em item próprio, refletem as múltiplas faces da violência social e, ao mesmo tempo, esclarecem sobre os limites e possibilidades de atuação desta instituição na sociedade.

Figura 12 - Comparativo Violência Sofrida Contra o Patrimônio (Família e Polícia)



Fonte: Pesquisa de Campo

Figura 13 - Comparativo Violência Pessoal Sofrida (Polícia e Família)



Fonte: Pesquisa de Campo

Do exposto gostaríamos de salientar que, das entrevistas feitas aos chefes de família e à Polícia sobre as suas experiências de violência sofrida salientamos os aspectos mais relevantes desses depoimentos. Os relatos emitidos por uns e por outros, refletem e reafirmam o contexto geral da violência e da criminalidade nas áreas

populares dos grandes centros urbanos do país. Nos depoimentos ficaram claras descrições de agressões, agressões por vezes muito violentas (caso de homicídios), as quais caracterizam o cotidiano das camadas populares e o trabalho policial nessas áreas. Uma tentativa de síntese quantitativa destes relatos pode ver-se na tabela 33. Conforme já foi referido anteriormente, maior incidência de violência sofrida pela Polícia diz respeito aos atentados contra a própria pessoa e, em relação aos chefes de família, os referentes ao patrimônio, que envolvem roubo e furto.

Tabela 33 – Comparação da Violência Sofrida pela Polícia e Família

Violência Sofrida/Tipo Crime	Família*	Polícia*
Violência contra o Patrimônio	58,9%	42,1%
Violência Pessoal	48,2%	100,0%
Violência Sexual	3,6%	–
Violência no Trânsito	10,7%	10,5%
Base	56	19

Fonte: Pesquisa de Campo.

(*) Questão de múltipla escolha. Valor superior a 100%

Em síntese, podemos de alguma forma concluir que, em Salvador, o ambiente de vida e de trabalho das camadas populares e da Polícia é de insegurança e medo, conforme se pode constatar pelos dados e informações recolhidas. Parece ser uma evidência a generalização da violência e a omissão dos poderes públicos na garantia da segurança de vida da população.

Razões da Insegurança nas Áreas Populares de Salvador

A partir da complexa dinâmica social onde se insere a questão da segurança pública constata-se, a partir das razões aludidas pelos chefes de família que se sentem inseguros, três problemáticas fundamentais: a violência do poder dos traficantes, do uso das drogas, do desemprego e do medo social; a ineficácia da Polícia; e a insuficiência de policiais e de aparelhamento para garantir a segurança.

Constata-se que mais de 52% do total dos chefes de família entrevistados afirmam não existir segurança no bairro e como 32% respondem de forma incerta. Ou seja, para a maioria é a insegurança o que predomina, sentindo apenas 15.6% do total que o seu bairro é seguro.

A distribuição das razões apontadas para a insegurança nas áreas populares, na ótica dos chefes de família entrevistados, encontra-se no quadro seguinte (tabela 34):

Tabela 34 - Razões da Insegurança nas Áreas Populares em Salvador (Chefes de Família)

Razões da Insegurança nas áreas Populares em Salvador	Frequência
A violência do poder dos traficantes, do uso das drogas, do desemprego e o medo social.	27,4%
A ineficácia da Polícia	43,4%
Insuficiência de Policiais e de aparato para garantir a segurança	29,2%
Base (92)	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo

Destes fatores de insegurança, optou-se por apresentar, inicialmente, o problema relativo às drogas, no contexto da problemática do poder dos traficantes. Isto, em razão do significado que o problema do tráfico e o uso de drogas vem assumindo no atual contexto de insegurança nas áreas populares no país.²

Neste contexto, discutimos o fator da insegurança e sus extensão em Salvador; a qual tem origem, quer devido à ineficácia da Polícia, quer à insuficiência de policiais e de aparelhamento para garantir a segurança, e esta discussão far-se-á, tanto do ponto de vista da própria Polícia, como das camadas populares.

Ressalte-se, por fim, que a violência, nomeadamente nas áreas mais populares, parece ser um fenômeno que irrompe em todos os ambientes do cotidiano das famílias em geral.

O poder dos traficantes amedronta. Há assaltos, roubos, assassinatos, arrombamentos de carros, drogas. O uso das drogas é aberto.

[...] Meu primo fez parte da quadrilha Bebê a Bordo e morreu há três anos. Ele roubava para comprar drogas. Depoimento, Chefe de Família. O crime organizado e a CPI do narcotráfico vêm mostrando a natureza e dimensões desta prática social, hoje, abrangente, incluindo além de policiais, políticos (senadores, deputados, dentre outros da cúpula do governo). Francisco Carlos Garisto ³

A Ótica dos Chefes de Família e o Problema das Drogas

É importante ressaltar que a repercussão da dinâmica do tráfico e uso de drogas, a população da amostra, dentro de um pequeno percentual, afasta-se de qualquer declaração chegando a afirmar que apenas ouviram falar desse problema não tendo, pois, conhecimento específico do mesmo. Estas afirmações parecem mais um mecanismo de defesa e/ou de não comprometimento, tendo em conta o medo de possíveis represálias da parte dos traficantes que atuam na área.

Entre os habitantes desses bairros, paira o sentimento de uma ação criminosa quando se faz referência ao fenômeno da droga. A sensação que os entrevistados transmitiram é a de que existem culpados e inocentes. Como culpados identificam o traficante, o governo e a Polícia; como inocentes e/ou vítimas, os jovens.

O quadro seguinte (tabela 35) reflete a forma como interpretam o problema das drogas: em primeiro lugar, está o tráfico com 46,6%; em segundo, a situação do jovem como vítima social do mundo das drogas (para 39,8%) e, em terceiro, com apenas 13,6% os problemas sociais do desemprego, da educação e da falta de apoio familiar.

Enfim, ressaltam, mais uma vez, os graves problemas da pobreza numa sociedade concentradora de renda, e, portanto, desigual, onde a falta de esperança nas instituições e na própria vida se encontra espelhada nesta informação.

Tabela 35 – Culpados e Inocentes: O Problema das Drogas e do Poder dos Traficantes. (Chefes de Família)

Elementos	Nº	Freq.	Visão	Indicações
O Jovem	35	39,8%	O jovem como vítima. Problema de desestruturação familiar e falta de condições para apoiar o jovem. É um caminho sem retorno e envolve decisões de foro íntimo.	Reduzir, controlar e limitar liberdades individuais dos jovens, enfatizar a educação familiar.
O Traficante	41	46,6%	Componente do tráfico no mundo da criminalidade e dos vícios.	A responsabilidade é do Governo. Cadeia para os traficantes e Combate aos vícios.
Os problemas Sociais	12	13,6%	Educação e Desemprego	Políticas governamentais e Programas educacionais e de emprego
Base	88	100%		

Fonte: Pesquisa de Campo.

O problema das drogas é de crescente complexidade no contexto da insegurança social, onde o caminho para a sua solução é entendido de diversas formas. De um lado, como um problema que poderia ser resolvido pela educação dos jovens, vistos como vítimas da violência e, de outro, pela eliminação, através de medidas radicais, dos traficantes. Observamos que na proposição em relação aos jovens, um grande número deles se encontra diretamente envolvido com os traficantes, constituindo, nesse sentido, um problema inter relacional. Foi atribuída pelos entrevistados, muita ênfase à educação dos jovens, tanto em relação ao apoio familiar, quanto à implementação de programas educacionais sob a responsabilidade do governo.

Ainda em relação aos jovens foram, também, enfatizados, pelos chefes de família, os direitos que eles usufruem de inimizabilidade, pelo fato de serem menores de idade. Mencionaram, ainda, o excesso de liberdade que lhes é concedido pelos pais. Em síntese, o que falta aos jovens é, sobretudo, o apoio da família e do Governo.

A Ótica da Polícia e o Problema das Drogas

A violência aumentou com o consumo de drogas. A droga é um meio de vida da população pobre. Se os policiais não reprimirem os traficantes, não vai dar jeito. A repressão tem que ocorrer até com os viciados.

Depoimento de um policial

Segundo o ponto de vista de 43,3% dos Polícias entrevistados, a tendência que se verifica com o problema das drogas, nas áreas populares em Salvador, é para piorar, afirmando cerca de 27% dos inquiridos que a tendência é para tudo ficar na mesma. Perspectivas de melhoria do problema só têm 26,6%, salienta-se também, neste caso, que apenas 30 Polícias acederam a dar a sua opinião, pelo que as conclusões não poderão revestir-se de grande profundidade.

Segundo a própria polícia a gravidade deste problema está relacionada com o número de policiais que consideram insuficiente para acompanhar o aumento populacional e, também, porque o desemprego vem apresentando uma escala crescente. Além disso, consideram que a educação dos jovens não vem sendo tratada pelas

autoridades com firmeza. Afirmam, ainda, que as famílias concedem aos filhos muita liberdade, não dialogam com os filhos no sentido de esclarecerem o certo ou o errado, não investigando sobre amigos dos filhos, como podemos ver nos depoimentos seguintes de alguns policiais sobre esta problemática:

[...] Explode-se uma gangue aqui, nasce outra ali. O envolvimento dos jovens com o tráfico de drogas aumentou. Eles têm sido alvo de muita miséria e os marginais estão cada dia mais ousados.

[...] É muito triste ver como muitos meninos se perdem por falta de amor dos pais e do desemprego. A violência aumentou com o consumo de drogas e ela tem sido um meio de vida da população pobre.

[...] Se os policiais não reprimirem os traficantes, não haverá jeito para resolver este problema. A repressão tem que ocorrer até com os viciados.

Em relação ao aspecto da educação dos jovens como fator que contribui para a recrudescência do problema das drogas, os policiais enfatizaram a estreita relação existente entre drogados e educação, como sendo uma questão social muito importante.

Para os policiais, a resolução deste problema dependeria de uma tomada de posição das autoridades em face à esta questão. Em tal contexto, encontram-se jovens sem o apoio familiar e, não raro, são mesmo crianças com apenas oito anos que já estão envolvidas com drogas. Observaram ainda a existência de jovens estudantes entre 12 e 18 anos usando os mais diferentes tipos de drogas. Referem a necessidade de um programa de conscientização dos jovens, considerando que a falta de conhecimento a respeito dos males provocados pelas drogas advém do pouco diálogo que têm com a família. Na ausência de qualquer intervenção, a tendência deste quadro exposto é para que a situação piore cada vez mais.

Quanto aos traficantes, os policiais reconhecem que o seu número é elevado e que registram incrementos diários. Segundo um dos entrevistados, a cidade de Salvador ainda não atingiu o nível de violência registrado no Rio de Janeiro, mas encontra-se próximo. Propõem, então, a necessidade de medidas mais enérgicas por parte do governo. Aqueles bairros populares são os que se encontram mais expostos à violência, o que acontece por carecerem de servi-

ços infra-estruturais e porque a sua população, de baixa renda, vive em habitações construídas em terrenos invadidos. Estes aspectos foram encarados pelos próprios policiais como óbices ao acesso da Polícia a tais locais para o combate ao tráfico.

Por certo que o contexto de pobreza facilita a organização do tráfico de drogas e a tendência, segundo os policiais, para piorar. Tal perspectiva se complementa, sobretudo, pela proteção flagrante dos dispositivos constantes no Estatuto da Criança e do Adolescente, que funciona em sentido contrário à resolução dos problemas sociais que envolvem o jovem adolescente, de 11 a 18 anos. Daí a impossibilidade de detenção de um menor surpreendido num erro social, conforme depoimentos de vários policiais, como, por exemplo: “[...] Se prendo um menor e o entrego à justiça, ela o libera e ele retorna ao local de origem.”

Além disso, os policiais afirmam que os mais jovens são os mais perigosos. Alguns trabalham como *olheiros*⁴, obedecendo às ordens do dono da boca representado por um coordenador. Esses locais são vigiados por um guardião armado e contam com um elevado número de pessoas que pode ir até 15, cuja faixa de idade mais comum é situar-se entre 10 e 11 anos. Os menores são instruídos pelos traficantes mais antigos para não *dedurar*. E quando são abordados, invocam os seus direitos da criança e do adolescente, dificultando aos policiais o combate a esta estrutura criminosa.

No seio da organização do tráfico, a comunicação, as atividades e as responsabilidades dos seus componentes estão bem definidas. A agilidade tem o sigilo como garantia e a ameaça de morte, como critério de sobrevivência do sistema. Ou seja: constitui perene ameaça ter de pagar com a vida por qualquer comportamento fora das regras estabelecidas. Essa condição assegura a lealdade na ilegalidade, pois a vida humana se torna refém dos traficantes.

Nestas condições, este tipo de organização reconhecida como ágil, em contraposição à morosidade burocrática policial, não pode ser tomada como parâmetro de análise de eficiência e eficácia de nenhum sistema organizado que preserve valores de respeito pela vida humana e pela dignidade, como éticas sociais.

Os 26,7% dos inquiridos que admitiram que a tendência dos problemas das drogas no bairro é para melhorar, acreditam num maior envolvimento da família e têm fé nas possibilidades de sua resolução.

O quadro seguinte (tabela 36) representa uma tentativa para melhor sistematizar a visão dos policiais entrevistados sobre os problemas das drogas nas áreas populares da cidade do Salvador. Na verdade, o que se apreendeu das suas respostas foi a descrença para a resolução do problema de drogas e uma certa tendência a transferir responsabilidades para os governantes, porquanto consideram não haver entre os mandatários uma real tomada de posição que possa verdadeiramente promover as mudanças indicadas.

Tabela 36 - Problemas de Drogas, a Visão da Polícia.

Elementos	Visão	Indicações dos Entrevistados
Polícia	O número de policiais é insuficiente e não acompanha o aumento populacional e o desemprego.	Os problemas das drogas seriam resolvidos se aumentasse o contingente operacional na proporção do crescimento da população e do desemprego. Como isto não acontece, não há mudanças.
Traficantes	O índice dos traficantes é alto e cada dia que passa envolve mais pessoas. A cidade do Salvador está próxima do nível de violência do Rio de Janeiro.	Medidas mais enérgicas em relação aos traficantes nos bairros mais pobres.
Jovem Usuário	Há pouca conscientização dos males das drogas, pouco contato da família com os jovens. Além disso, o uso de drogas pelos jovens pode ser visto como uma questão de moda. E, a inimizabilidade faz com que não respondam penalmente pelos seus atos. ⁵	Conscientização dos jovens do perigo das drogas.
Governo	Não há atitude do governo para mudar nada. Falta um trabalho mais minucioso em relação aos problemas sociais. Falta salário mínimo.	Não há atitude, mas são eles os responsáveis.
Família	Dão muita liberdade aos filhos. Não investigam os amigos dos filhos.	Diálogos com os filhos sobre o que é o certo e o errado.

Fonte: Pesquisa de campo

A Ineficácia da Polícia

Para 43,4% dos chefes de família entrevistados, a insegurança é transmitida por profissionais da própria Polícia, uma vez que alguns deles agem com agressividade e se envolvem com os traficantes. De acordo com um chefe de família, “[...] não há segurança total porque a Polícia deveria agir mais para acabar com as quadrilhas organizadas; eles estão também envolvidos e por isso não acabam.”

Neste âmbito, a insegurança que a Polícia transmite à sociedade não só é contraditória com seu papel legal-formal, definido constitucionalmente, como também se contradiz em relação às expectativas sociais de proteção do cidadão. Este problema pode ser considerado como uma das questões mais graves da gestão institucional da segurança pública, até pelo fato de isso atingir diretamente a própria essência dos organismos policiais, com extensões sócio-político-institucionais.

A propósito da insegurança transmitida pela própria Polícia, os chefes de família são peremptórios, quando tentam dimensionar essa intranqüilidade no contexto da avaliação do seu desempenho. Aliás, o depoimento a seguir é de um chefe de família e ilustra bem esse aspecto respeitante à Polícia.

[...] A Polícia não sabe enxergar quem é o ladrão e isso deixa o cidadão inseguro. A que tem no bairro não assegura ninguém; não garante e dá insegurança a qualquer cidadão.

[...] Não aparece e quando isto acontece é para bater e matar os jovens do bairro; [...] ela própria vive com medo. Quem manda são os traficantes, os criminosos e os vagabundos; estes não têm medo; o poder deles amedronta; [...] por aqui há assaltos, roubos, assassinatos, arrombamentos de carros; drogas.

Aqueles que consideram a insuficiência do policiamento, defendem o aumento quantitativo do contingente operacional e seu reaparelhamento. Os chefes de família argumentam que não há proteção policial, observando, adicionalmente, que o policiamento existente é feito de forma esporádica e descontínua, não atendendo ao ritmo dos assaltos e de toda a espécie de crimes a que estão expostos. No entender deles, falta policiamento ostensivo e equipamentos urbanos

de segurança, como delegacias e módulos. Dessa forma, apelam a Deus como recurso à segurança. Daí o apelo a sentenças mítico/religiosas como: *Benção Divina; só Deus para proteger as nossas vidas.*

Não obstante as freqüentes rondas nas áreas, com viaturas ou a pé, a violência continua aumentando, no entender dos chefes de família. Segundo eles, vê-se policiais nas ruas, mas o número deles é insuficiente, e, paradoxalmente, há os que afirmam não haver um policial sequer atuando na área.

Os testemunhos que se seguem corroboram os motivos dessa insegurança alegada pelos chefes de família.

[...] quase todos os dias policiais sobem e descem e [...] o carro de Polícia fica para lá e para cá, mas quando se precisa deles nunca estão presentes; ficam alguns grupos em quaisquer pontos;

[...] a Polícia está mal aparelhada e os bandidos estão cada dia mais audaciosos;

[...] a Polícia deveria dar mais assistência às pessoas; eles saem dos módulos quando acontece uma batida ou qualquer coisa; mas aqui se precisa de mais policiamento; estão o acontecendo assaltos quase todos os dias.

Há, entre os chefes de família, muitas queixas a respeito da mudança de endereço da Segunda Delegacia. Muitos consideram que a insegurança aumentou, pelo afastamento desse equipamento urbano de suas residências. Eis, neste contexto, algumas declarações a esse respeito:

[...] pelo que vejo de assassinatos, mostra que não há segurança; há assaltos, crimes e com a saída da Segunda Delegacia aumentaram os assaltos contra casas comerciais e carros;

[...] Com a saída da Segunda ficou mais insegura. Sentia-me mais segura com a Polícia aqui perto. Já tenho mais cuidado com a porta, o prédio está vazio e entra muita gente que não sabemos de quem se trata;

[...] a Segunda saiu e tirou toda segurança do lugar; os vagabundos estão tomando conta da casa. Devia-se tomar uma providência imediata; a Segunda dava tranqüilidade ao local;

[...] Com a transferência da Segunda Delegacia, todo o comércio sentiu falta; a minha vizinha sofreu violência ao sair do prédio; foi chutada e lhe roubaram a bolsa; até às 11 da noite, há policiais na Lima e Silva; após essa hora, a rua fica ao Deus-dará .

A transferência da Delegacia para outro endereço alterou a rotina dos moradores da rua Sabino Santos. Após esse fato, eles passaram a colocar cadeados nos portões e a permanecerem trancados em casa. A violência é pouco reprimida e muitos dos jovens, sem expectativas na vida, acabam se entregando à marginalidade.

A Polícia, segundo um deles, só aparece depois do crime. Acontecem assaltos e arrombamentos de carro, principalmente à noite. Durante o dia, as famílias não se sentem ameaçadas, mas, à noite, todos temem. Os marginais atacam mais nesse horário e os ladrões entram nas casas, certos de que não serão reprimidos. Um dos chefes de família manifestou sua preocupação a respeito:

[...] Impressiono-me com a quantidade de crianças e rapazes sem escola; [...] não vejo segurança aqui; precisa mais de organização, saúde e escola; [...] mesmo tendo um módulo policial perto da minha casa não me sinto seguro porque se o assaltante chega, ele fica intimidado, mas se ele entrar, sei que os policiais não vão fazer nada.

Alguns acusam a Polícia de negligente e apática. E ao expressarem a desconfiança em relação a ela, os moradores afirmam que os policiais não prestam socorro, nem em caso de acidentes e que, por isso, dentro de casa se sentem inseguros temendo sofrerem atentados. Se estão na rua não percebem a presença dos policiais.

Muitos atestaram haver em Salvador, lugares piores em matéria de segurança. No entanto, embora chefes de família tenham manifestado medo da marginalidade e dos usuários de drogas, reconheceram, também, nunca ter sido incomodados por estes.

Há, de fato, um medo generalizado. Com o desemprego e o abandono, por parte do governo, das famílias das camadas populares, a violência se propaga. Chega mesmo ao ponto dos criminosos determinarem quase um *toque de recolher à noite*. Os moradores atestam que a ação da Polícia é cosmética e que, por essa razão, os comerciantes precisam recrutar segurança particular. Contudo, os serviços não funcionam à noite e as vítimas não se sentem dispostas a denunciar.

As famílias das camadas populares alteraram o seu cotidiano de vida e o seu comportamento social para se protegerem. Mas, mesmo com estas alterações, continuam a não se sentirem seguras por vive-

rem em casa trancados. São os próprios pais que têm de levar os filhos à escola, não tendo coragem de mandar os menores ao mercado, pois temem que eles sejam vítimas de agressões. Segundo um deles:

[...] houve um tempo, aqui no bairro da Liberdade, que tinha uma Kombi levando crianças e o boato era que levavam para retirar os órgãos. Até hoje tenho medo de mandar meu filho para a escola sozinho. Vê-se o carro de Polícia na rua, mas a presença não é constante; o cidadão precisa da garantia dos seus direitos.

Para um destes chefes de família, o policiamento ostensivo da Polícia Militar é apenas aparente e isto ocorre porque, não obstante sua presença física, ela não garante nenhuma segurança. Caso aconteça algo, ele declara, a viatura demora a aparecer e por vezes nem chega.

Há os que reconhecem ouvir falar da violência, mas não vêem; outros, entretanto, admitem que o bairro é muito violento, mas tomando alguns cuidados torna-se possível impedir que ocorra o pior.

Problemas sociais como o desemprego, têm levado jovens ao crime, aumentando a deficiência da segurança. Daí serem necessários cuidados individuais para tentar evitar ser mais uma vítima da violência. Alguns consideram que a Polícia, às vezes, faz um bom trabalho, mas que ainda não é o suficiente. A quantidade de agentes que policiam as ruas é neste bairro bem diferenciada da que se verifica em áreas turísticas, como a do Pelourinho. Por outro lado, tem de se ter em conta que o bairro da Liberdade é um bairro desassistido e que as ruas não merecem, por parte do poder público, os cuidados necessários. Por se tratar de um bairro comercial, muitos estabelecimentos contratam segurança particular. Reclama um dos chefes de família que não pode reconhecer a Polícia Comunitária, pois geralmente quando ela é necessária, nunca se encontra no local. Um deles, inclusive, fez a seguinte assertiva: “[...] passou uma viatura do trânsito quando uma menina foi atropelada na rua Duque de Caxias e a Polícia nem ligou”.

As declarações dos chefes de família sobre a maneira como atuam os policiais junto deles, expressam a mais absoluta insegurança. Também este sentimento alcança os policiais, cujo despreparo

para exercer a função e cuja precariedade de armamento a utilizar acaba por determinar o exercício de uma superioridade por parte dos traficantes e criminosos sobre os próprios policiais.

Torna-se evidente que o quadro da insegurança traçado pelos chefes de família das camadas populares, se caracteriza pela ineficácia da atuação policial a qual, ao invés de os proteger, lhes transmite mais insegurança. Por outro lado, os policiais que atuam no bairro estão mais a serviço do comércio e dos grandes estabelecimentos. A este quadro juntam-se, ainda, argumentos que denunciam a falta de assistência educacional às crianças e aos adolescentes, os rompimentos de antigos laços de amizade motivados por brigas entre vizinhos; o desemprego e a omissão do poder público. Toda esta situação tende a agravar-se e a disseminar mais intensamente a violência, chegando ao ponto de os criminosos estabelecerem no bairro a *lei do silêncio*, numa clara atitude de poder incondicional.

Neste contexto, os depoimentos que se sequem fornecem uma síntese dos principais fatos denunciados pelos chefes de família que se tentou discutir ao longo deste capítulo:

[...] a Polícia não sabe enxergar quem é o ladrão e isso deixa o cidadão inseguro.

[...] ela não aparece e quando isto acontece é para bater e matar os jovens do bairro.

[...] sou um homem com medo, pois cada vez que saio com minhas mercadorias sou assaltado; medo que os filhos sofram violência; aqui é muito violento.

[...] o uso das drogas é escancarado; os vizinhos não se relacionam bem.

[...] o governo não se preocupa com a comunidade negra. A segurança só existe para a elite.

Por fim, temos de reconhecer que a elevada percentagem de insegurança apontada pelos chefes de família das camadas populares, não pode ser explicado, apenas, pela ineficácia da Polícia que, segundo eles, também transmite insegurança e age com agressividade; tampouco deve ser justificada, apenas, pela falta quantitativa de policiamento, de viaturas e módulos, isto é, pela insuficiência de policiais e de seu reaparelhamento.

A insegurança pública compreende um complexo quadro de relações, onde interagem, o poder dos traficantes, os consumidores de drogas, o desemprego, enfim, o medo social generalizado, que configura a ausência de uma segurança pública nas áreas populares da cidade do Salvador.